



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIS CARLOS LIRA

(Depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-625

Entrevistado: Luis Carlos Lira

Nascimento: 19/05/1971

Local da entrevista: Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovics

Data da entrevista: 19/11/2015

Transcrição: Adriana Zimmermann

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 31 minutos

Páginas Digitadas: 9 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação acadêmica; Trajetória profissional; Envolvimento com a temática do lazer; Atuação como formador do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); PELC Todas as Idades, Vida Saudável e Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais; Preparação para se tornar um formador; Estratégias metodológicas; Visitas técnicas e pedagógicas; Resultados ao longo das formações; Núcleos tem obtido êxito em um processo de municipalização; Pontos que podem ser melhorados no programa; Acompanhamento dos núcleos após o fim do convênio; Políticas públicas de esporte e lazer.

Belo Horizonte, 20 de novembro de 2015, entrevista com Luis Carlos Lira a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovics para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Eu agradeço primeiramente pela disponibilidade em ceder a entrevista e queria que me contasse um pouco da tua formação.

L.L. – Eu fiz a minha graduação em Licenciatura Plena em Educação Física e me formei na Universidade do Estado do Rio de Janeiro no ano de 1997. Logo após eu integrei o curso de Mestrado em Educação na mesma Universidade e conclui no ano de 2000. A partir disso, eu passei por todo o processo de preparação profissional e dei aulas em escolas públicas e particulares no estado do Rio de Janeiro e no estado de Minas Gerais. No ano de 2003 eu adentrei na Universidade Estadual de Montes Claros e no ano de 2004 na Universidade Federal de Juiz de Fora. Nessa sou professor até hoje nas disciplinas de Ginástica Artística e Educação Física Gerontológica. Terminei recentemente meu doutorado na Universidade Católica de Brasília onde eu fiz um estudo da motivação para as práticas de lazer de pessoas idosas. Atualmente estou atuando aqui no Programa tendo participando de várias formações do Grupo de Formadores.

J.K. – Certo! E quando a temática do lazer apareceu na tua trajetória?

L.L. – Bom, a temática do lazer vem desde a época da minha graduação, mais especificamente voltada para a temática da pessoa idosa, para a questão da atividade física para pessoas idosas. Nessa perspectiva da prática das vivências do lazer, vem nesse patamar, tanto que a minha memória de licenciatura, a minha dissertação, mestrado e tese foram voltados ao campo do lazer, para a questão das atividades físicas. No mestrado para as questões educacionais da pessoa idosa. Recentemente, atuo nessa preocupação em entender a motivação dos idosos para participar de atividades de projetos que abarcassem o maior número de atividades do lazer.

J.K. – E como conheceu o PELC¹?

L.L. – Comecei a conhecer a partir de 2003 com a implantação de uma política pública de esporte e lazer pensada na Secretária Nacional de Desenvolvimento de Esporte e Lazer, antiga SNDEL. Vinha acompanhando, até que houve o processo seletivo de formadores no qual dentro dessas vertentes do Programa de Esporte e Lazer na Cidade tinha o PELC núcleo Vida Saudável. Entrei nesse processo de seleção para compor o grupo de formadores do Vida Saudável e foi por esse caminho que eu entrei e participo do grupo de formadores.

J.K. – Certo! Como foi a tua preparação para se tornar um formador?

L.L. – Então por toda essa minha trajetória acadêmica, meus estudos atrelados à questão das entidades de lazer para as pessoas idosas. Algo importante assim que, vamos dizer, eu não estudava a questão específica do lazer, mas a partir de 2006 eu passei a integrar o grupo de formadores. Nesse momento eu começo a me debruçar mais sobre o assunto, a temática do lazer e participei de todas as formações, encontros, seminários, ENAREL², encontros nacionais da temática.

J.K. – Sim, e hoje atua no PELC Todas as Idades e no PELC Povos e Comunidades Tradicionais?

L.L. – Na verdade eu atuo mais no PELC Todas as Idades e no PELC Vida Saudável. No Povos e Comunidades Tradicionais eu ainda não tive a oportunidade de atuar, mas é algo novo para nós e estamos passando por processo de formação para também atuar, mas atualmente não.

J.K. – Certo!

L.L. – Povos e Comunidades Tradicionais agora é Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais.

J.K. – Mudou?

¹ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

² Encontro Nacional de Recreação e Lazer.

L.L. – Sim. E tem o Vida Saudável também.

J.K. – Tem, são três?

L.L. – São três.

J.K. – E tem alguma diferença no planejamento na formação de cada um deles?

L.L. – Sim, em cada um desses porque são programas distintos. No caso, o Vida Saudável tal diferença ocorre em um atendimento específico para pessoas idosas. No planejamento e organização há diferenças porque o Vida Saudável é pensado na preparação dos agentes sociais para atuar em um grupo específico, que são os idosos, já no PELC Todas as Idades a gente trabalha uma perspectiva mais ampla e a ênfase é dada para a questão do atendimento de pessoas idosas. Ela não é tão específica dado ao maior, e agora faltou a palavra...

J.K. – Proporção?

L.L. – Faixa etária da população que é atendida entendeu? Então tem essa diferença no planejamento e na organização das ações, em termos até mesmo de atividades que são as vivências corporais que são desenvolvidas nas formações.

J.K. – Como planeja e organiza essas atividades de formação do Programa?

L.L. – Para realização da formação?

J.K. – Sim.

L.L. – Tão logo a gente recebe a solicitação para realizar uma formação nós entramos em contato com a entidade que vai desenvolver o Programa, convênio. Nos pautamos pelo perfil dos agentes, em termos de escolaridade, quem são esses atores que vão participar, fazemos um estudo da realidade do município, conversando até mesmo com os

coordenadores desses convênios ou fazendo consultas via internet de possibilidades em termos culturais, de espaços que a cidade proporciona. A partir disso a gente faz toda essa estruturação, atendendo também as diretrizes, o que tem em termos de conteúdos a serem trabalhados em cada um dos seus módulos. A diferença vai ocorrer em termos de conteúdos de acordo com os módulos que nós iremos desenvolver na formação.

J.K. – Certo! Tem alguns temas que são obrigatórios que são as diretrizes. Tu busca inserir outros temas nessas formações?

L.L. – Esses temas que são inseridos geralmente são a partir do módulo introdutório 2. Atualmente e nas avaliações, na avaliação 1, porque ao término da formação do módulo introdutório 1 e da avaliação e módulo introdutório 2 os agentes sociais todos os participantes de desenvolvimento do convênio, preenchem uma ficha de avaliação da formação e ali tem um item que pede que eles façam uma solicitação de temas que sentem necessidade para contemplar num próximo módulo de formação. Se ali a gente percebe indicação de alguma temática e a gente observa dentro da realidade que se conhece o local onde vai ser desenvolvido, a gente insere na outra, no módulo posterior.

J.K. – Que tipo de estratégias metodológicas tu costumava utilizar?

L.L. – Bom, trabalha-se a questão da exposição, da metodologia expositiva dialogada, dinâmicas de grupos, com vivências corporais e com projeção de vídeosclips, longa metragens. No caso de longa metragem e curta metragem, usamos tanto aqueles voltados para a questão, chamado da linha mais alternativa de filmes, quanto com grandes, como filmes do grande circuito e os alternativos até mesmo para eles perceberem essas diferenças. A partir disso mostramos para eles como é importante estar trabalhando isso com a comunidade e elas não fiquem condicionadas a um modelo, a uma forma de vídeos e filmes que estão só ligados ao grande circuito.

J.K. – Certo. E em relação às visitas aos núcleos, como são realizadas as visitas técnicas e as visitas pedagógicas?

L.L. – Nós somos responsáveis pelas visitas pedagógicas, nós as fazemos em que momento? No primeiro momento, no módulo introdutório 1 onde nós vamos trabalhar com os agentes o reconhecimento dos espaços onde eles vão atuar que às vezes muitos deles não conhecem e para também entender qual é o espaço que aquele convênio vai desenvolver as atividades. A partir desse momento a gente vê a viabilidade ou a inviabilidade da utilização daqueles espaços para desenvolvimentos dos núcleos. Neste caso, a gente pede, solicita que seja alterado o local do núcleo. Mas, na perspectiva pedagógica trabalhar com o processo de reconhecimento dos espaços e de maximização em termos de ressignificação dos espaços e não só pensar o espaço como uma estrutura física pautado em uma infraestrutura que possibilite as práticas esportivas. Precisamos ver outros espaços em que a gente passa a dar novos significados e com isso as atividades são realizadas nesse espaço, tanto atividades de cunho social, cultural, quanto atividades físico esportivas. Num segundo momento a gente vê as questões de extrair o máximo do espaço para o desenvolvimento de atividades, até mesmo com a questão da diversidade de atividades, então trabalhar com eles, esse exercício de eles verem o espaço com várias alternativas. Já no módulo introdutório 2, nós fazemos a visita pedagógica com os núcleos em funcionamento para a gente perceber se o que a gente trabalhou em termos de conceitos no módulo introdutório 1, a forma como eles assimilaram e como ele estão trabalhando nesses dois meses iniciais. É aquele momento: “Isso está errado, essas atividades estão sendo realizadas dentro do que nós programamos das diretrizes do Programa”. A gente começa a debater com eles e mostrar as situações que estão dentro das diretrizes e situações que não estão de acordo com as diretrizes, então faz um ajuste. No módulo avaliação 1 nós fazemos a visita pedagógica, um dia anterior ao contato e mais uma vez a gente vê aquelas correções que se fez. Vamos fazendo esse acompanhamento todo, e se vê também a questão metodológica, a questão em termos de materiais, tanto no módulo introdutório 2. Nessa visita, se vê se os materiais chegaram, foram comprados, porque isso pode interferir diretamente na questão de desenvolvimento do programa, nas questões pedagógicas. Então a gente faz essa visita pedagógica para ver a questão de identificação dos núcleos, se está sendo feito, se já foi feita, se está dentro dos padrões, então, essas visitas tem essa finalidade.

J.K. – E consegues ver algum resultado nos agentes e no núcleo ao longo das formações que são realizadas?

L.L. – Sim, a gente consegue ver algumas questões de organização da própria comunidade resultando em situações que às vezes o convênio termina, se extingue porque tem lá o prazo, mas alguns grupos continuam se encontrando, se organizam até mesmo para dar uma contribuição para a gente que antes era remunerado pelo convênio e depois deixa de ser remunerado. A própria comunidade, muitas vezes, se organiza para isso. Existem casos de a prefeitura continuar com algumas atividades mediante até mesmo uma solicitação da comunidade e alguns casos pelo entendimento da importância do lazer para a comunidade. Se observa isso ao longo desse tempo em que atuamos. E até mesmo por relato dos agentes, nas suas avaliações o que que contribui na formação deles enquanto profissionais. Isso é algo bastante recorrente e é interessante que ao término de cada uma das formações eles recebem certificados e isso faz um diferencial em termos de preparação para outros trabalhos. Eles valorizam bastante essa questão da formação, então a gente vê os resultados e até mesmo nos relatos, um olhar diferente em relação a questão do lazer, olhar diferente da sua prática pedagógica, ainda mais atrelada a questão das atividades físico esportivas daqueles esportes tradicionais que a gente consegue sensibilizá-los para o entendimento que no lazer não há uma preocupação na ênfase do treinamento para formar um jogador, ou uma dançarina, ou um artista de pintura, de artesanato, não, mas sim uma perspectiva de entendimento que o lazer deva ser vivenciado, usufruído em um momento de satisfação e prazer daqueles que escolheram estar ali naquele momento, então isso é bem interessante de observar.

J.K. – E existe algum acompanhamento dos núcleos após o fim do convênio deles?

L.L. – Após o fim do convênio não se continua acompanhando, se faz contatos posteriores no sentido de saber se a prefeitura encampou a ideia ou a organização. Diante daquilo que eu te falei do que eu percebo é mais nesse contato: “Não continuou, mas aquele grupo do núcleo tal eles continuaram. Ah! a prefeitura assumiu, mas não assumiu todas as atividades por causa da questão de recursos”. Dessa forma e depois dessas informações a gente não continua no acompanhamento, porque temos que atender outras demandas e fica complicado, particularmente para mim.

J.K. – E tu consegue perceber se os núcleos tem obtido êxito em um processo de municipalização?

L.L. – Olha, eu vou puxar um pouco na memória, eu esqueci agora o nome da cidade, fica mais ou menos a 160 km aqui de Belo Horizonte A prefeitura encampou, tanto que na época num processo de envolvimento do convênio tinha um clube que tinha fechado na cidade e o prefeito encampou e revitalizou o clube que passou a esse núcleo, um centro de convivência para pessoas idosas com uma questão do Vida Saudável. Teve um também perto de Uberlândia, como é que é ..., o problema agora são os nomes, é que é perto de Uberlândia chamada cidade do abacaxi, Canápolis. Lá a prefeitura deu continuidade com algumas atividades em virtude de uma solicitação da comunidade, então esses dois me vêm agora na memória. Eu terminei um agora em Itaquaquecetuba, em São Paulo e esse convênio foi bem interessante. Em todos os momentos da formação o prefeito se fez presente, e terminou agora na semana retrasada. Fiz o último módulo de avaliação e a gente conversando e tudo ele ficou sensibilizado, porque participou além das formações, dos eventos que o programa desenvolvia ao longo da sua execução. Ele foi a todos eles e o relato que nós tivemos, tanto dos agentes quanto dos coordenadores, que mesmo que se não conseguisse uma prorrogação de prazo ele iria dar continuidade. Mais um convênio que posteriormente eu vou entrar em contato para saber o que foi feito em termos de continuidade nesse processo de municipalização. Na última formação que eu fiz, foi a primeira do módulo introdutório 1 em Cornélio Procópio no Paraná. Além do prefeito foi uma vereadora e dentro da formação já começamos a discutir essa questão da municipalização e da importância de uma estruturação do marco legal em termos de cobrança mantendo a comunidade lá, os agentes para a vereadora no sentido de leis que venham a respaldar a continuidade do atendimento pelo município em termos de responsabilidade. Isso vai ocorrer num outro processo de desenvolvimento de ações que vão repercutir na Assembleia Legislativa. Assim eu espero que a gente vá trabalhando esse processo de municipalização. Então a gente trabalha dessa forma.

J.K. – E quais pontos tu consegues identificar que podem ser melhorados no programa?

L.L. – Bom o que eu vejo... Você diz em termos pedagógicos ou estruturais?

J.K. – Qualquer um dos dois.

L.L. – Olha nesse tempo todo em que se está atuando, vamos fazendo ajustes. As reuniões nessas formações de formadores são duas, uma a cada semestre, vamos sempre buscando melhorar. Uma das coisas que hoje está se discutindo é essa questão, uma diretividade dos conteúdos que devam ser trabalhados. Existem vários conteúdos e tentamos uma uniformização deles para que, no caso da impossibilidade de um formador, que fez um módulo e tenha algum empecilho de fazer o outro módulo o que vem já sabe o que foi trabalhado para dar continuidade. Então a gente está avançando nessa questão. Nessa última formação, tenho observado que a gente tem que avançar. Já avançamos com a questão da educação a distância. É uma ferramenta que contribui no processo de formação continuada que nós ainda continuamos a fazer. Em termos de sugestão de textos para serem estudados e discutidos entre um módulo de formação e outro e a educação a distância trabalha com outros conteúdos que nós não conseguimos esgotar. Ela vem complementar o processo de formação dentro dos encontros presenciais, a gente tem que melhorar e saber outros conteúdos tem que estar dando uma melhorada nesse aspecto. Outra questão, isso é característico de uma educação à distância, é a questão da evasão e da participação desses agentes no ambiente virtual de aprendizagem, então é um processo que a gente deve melhorar, mas a gente está ainda engatinhando. Tem mais ou menos um ano e meio a dois anos que a gente já vem discutindo o processo de implantação. Foi implantado e a gente percebe algumas dificuldades junto aos agentes, alguns nem *e-mail* têm, tem a questão da escolaridade, já se está pensando em montar grupos nesses cursos de acordo com a sua escolaridade, você vai fazer uma releitura do discurso acadêmico e passar para esses agentes sociais. Apesar de alguns convênios terem grande número de pessoas que são formadas a gente trabalha muito com pessoas da comunidade. Então, em termos estruturais..., para eu pensar algumas questões mais burocráticas, tenho um olhar de formador e não de gestor, mas às vezes acho que a gente pode estar dando uma melhorada, mas isso eu deixo mais a cargo dos gestores do Programa.

J.K. – Era isso que eu tinha para perguntar para ti. Teria alguma coisa que eu não te perguntei e tu gostarias de compartilhar?

L.L. – Bom, seria um agradecimento por vocês estarem fazendo isso. Acho importante essa questão do registro que passa a fazer história da implantação de uma política pública de esporte e lazer no nosso país. Ela é necessária e é urgente e a tem a questão dos grandes convênios, dos legados, que está sendo um grande desafio. Nessa formação a gente está também discutindo bastante os convênios que tem um número grande de núcleos e isso tem demandado a nós muitos estudos em termos de estrutura para atendimento desses grandes convênios com uma metodologia de atendimento e que permita uma qualificação das formações. Como o volume de pessoas que atua em termos de formação nesses grandes convênios é muito grande, então a gente está conseguindo esse processo de estruturação até o que se tem feito hoje no desenvolvimento dessas formações já vem mostrando aspectos positivos, mas também aspectos negativos em algum momento, depende também da infraestrutura que o convênio tem pra realização das formações.

J.K. – Então era isso! Muito obrigado, eu agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]